

CHARLIE GALLAGHER

**A RAPARIGA
NO ABISMO**

Tradução de
Francisco Silva Pereira

alma
dos
livros

Nota do autor

Encontro inspiração naquilo que faço e que vejo no meu trabalho diário como detetive da polícia na linha da frente, embora os meus livros sejam totalmente fictícios. Estou ciente de que, nos meus romances, os agentes nem sempre são apresentados de uma forma positiva. Eles são humanos e cometem erros. Por vezes, também é assim na vida real, mas a maioria dos agentes é honesta e faz um bom trabalho em circunstâncias difíceis. Pelo que me é dado a ver no dia a dia, os homens e as mulheres que usam um uniforme policial encontram-se entre os melhores, e tenho orgulho de fazer parte de uma das melhores forças policiais do mundo.

Charlie Gallagher

1

Ele deixou a colina com uma curva apertada à direita. O histórico castelo de Dover encontrava-se agora bem à sua frente e ao longe. Uma neblina rasteira ocultava grande parte da colina verde em que aquela construção repousava, dando a impressão de que o antigo forte flutuava, como algo saído de um conto de fadas.

A primeira hora do dia era sempre a sua preferida. Ainda mais agora que o Reino Unido se encontrava nas garras de uma opressiva vaga de calor. Tinha a sensação de que só conseguia realmente *respirar* naquelas primeiras horas. Havia uma frescura no ar que quase podia ser confundida com frio. A neblina reprimia o poder do sol, mas não havia de ser por muito tempo.

Com uma curva, a estrada desviou-se e ele acelerou. A pequena fiada de casas do lado do passageiro da sua carrinha reduziu-se a uma linha cinzenta que acabava de repente e a paisagem converteu-se em vegetação onde as árvores se iam adensando. A estrada tornou-se mais estreita. O cheiro que entrava pelas janelas abertas também se alterou. Era delicioso – erva orvalhada e madeira cortada. O lado esquerdo abria-se para campos onde ovelhas pastavam com as cabeças baixas. No outro lado havia uma cerca metálica que demarcava o perímetro dos terrenos do castelo. Via-se uma série de árvores cujos troncos antigos se apresentavam cobertos de cicatrizes, contorcidos, como se também eles tivessem lutado para rechaçar as hordas invasoras. Em breve, o castelo não passava de um vislumbre no espelho retrovisor. Depois, desapareceu por completo. A cerca também.

Ele entranhou-se campo adentro. Era onde se sentia menos ansioso. Menos gente era sempre uma coisa boa, e mesmo quando

a vegetação desapareceu momentaneamente quando ele passou por cima de uma estrada principal, não se via nada em movimento nas faixas de rodagem abaixo.

A estrada tornou-se mais sinuosa. Ele teve de desacelerar. A vegetação à direita deu lugar a uma vista distante do Canal da Mancha, mais parecendo uma folha de aço batido que refletia a luz da manhã. A neblina já estava a começar a levantar e ele conseguia identificar faixas verdes e azuis na água. Tinha de se concentrar na estrada – travou numa curva apertada. No alto do penhasco, havia áreas de estacionamento espalhadas ao longo daquela estrada e ele avistou o primeiro carro da manhã, estacionado e voltado para a vista, as luzes dos travões visíveis. Ele continuou em frente. A estrada endireitou-se e as árvores não tardaram a desaparecer por completo, deixando apenas campos de ambos os lados. Tinha subido o mais alto que lhe era possível. Agora, a estrada era plana e o mar constantemente visível à sua direita, para lá dos campos inclinados e do edifício da guarda costeira que, visto dali, parecia pairar sobre a borda.

Reduziu a velocidade para entrar num caminho de quinta. A erva que crescia a meio era suficientemente alta para roçar na parte inferior da carrinha. Seguiu aquele caminho durante uns oitocentos metros. Um celeiro sem paredes laterais foi a primeira construção que encontrou. Estava exatamente como ele se lembrava: o telhado abatera num dos lados, pelo que a estrutura de madeira e as folhas de plástico que em tempos haviam sido uma parte dele cobriam agora um sólido contentor de metal. O próprio contentor parecia torto e desajeitado, uma vez que duas das quatro lajes de pavimento entaladas sob os cantos aparentavam ter cedido sob o seu peso. O contentor estava enferrujado e as faces laterais pareciam escorregadias, com musgo que pendia do topo. As portas não eram visíveis do caminho – estavam do outro lado, voltadas para a parede do celeiro. Fora por isso que ele o tinha escolhido.

Estacionou e a poeira do caminho, sedenta de chuva, levantou uma nuvem de pó na qual ele entrou ao sair da carrinha. Quando se virou para proteger os olhos, era demasiado tarde. Ficou imóvel durante um segundo, com os olhos a arder e a pestanejar enquanto a poeira assentava, e depois foi até à traseira da carrinha e abriu a porta. O sistema hidráulico silvou quando ela se elevou.

O corpo dela estava embrulhado em plástico, os pés mal se viam. Pendurados e imóveis, ele viu-lhe os ténis azuis naquela extremidade. Estavam manchados de vermelho-escuro, um deles um pouco mais do que o outro. Ela era pesada. Optara pelo plástico porque sempre era mais fácil movê-la. Mesmo assim, teve de se esforçar para a puxar na sua direção. Quando já a tinha suficientemente perto, foi capaz de a agarrar pelas ancas e levantá-la até ficar com ela ao ombro. Não lhe conseguia ver a cara – estava totalmente embrulhada como o resto do corpo. Ele não queria que perdesse quaisquer fluidos nem fios de cabelo. Estava tão bem embrulhada que nem se dobrava muito bem sobre o ombro, e ele deu por si a bufar ao recuar um passo para se afastar da carrinha. A trouxa ficou presa no topo da porta aberta. Ele lá conseguiu dar a volta, mas dirigiu-se um pouco trôpego para o contentor. Poisou-a no chão sob o telhado desfeito.

O cadeado estava perro. Devia ter comprado um maior, a chave era demasiado pequena para as suas mãos enluvadas e ele amaldiçoou a sua falta de destreza. Respirou fundo para se acalmar. Não podia descalçar as luvas; como tal, só tinha de se concentrar. Finalmente, a chave lá entrou e a fechadura abriu-se com um clique. Abriu a porta do contentor. Era pesada. Pendurou o cadeado de volta na porta. O cheiro atingiu-o de imediato e um enxame de moscas elevou-se no ar. No entanto, elas não procuraram a porta; em vez disso, limitaram-se a poisar de novo no rolo de plástico de aspeto idêntico que já lá estava. Os pés que se viam naquele rolo estavam descalços. Ele praguejou. Lembrou-se de que tinha de a virar. Ao debruçar-se, o cheiro arrancou-lhe um esgar. Agarrou no plástico e fez girar o rolo. Quando deu a volta, a ponta da cabeça largou várias moscas escuras e inchadas – larvas também. Perturbadas enquanto se banquetevavam com a carne, ficaram a retorcer-se no chão de metal esfolado.

Satisfeito, ele voltou para junto da nova adição. Levantou-a de forma que os ténis ficassem do lado do chão e voltou a colocá-la ao ombro. Levou-a alguns passos para mais perto da porta aberta do contentor, poisou-a em pé e empurrou-a lá para dentro. A cobertura de plástico bateu contra o metal. Ela rolou até ficar com as frentes dos ténis viradas para baixo. Ele também a fez rodar

como se fosse um ponteiro de relógio. Foi estranho. As moscas que se haviam acomodado foram mais uma vez perturbadas. Levantaram voo ao mesmo tempo, como uma sombra negra. Quando a sombra se reacomodou, consumiu ambas as mulheres. As moscas podiam sentir a morte, podiam sentir quando era recente. Ele susteve a respiração para entrar em ação. Descalçou-lhe os ténis com um puxão, um depois do outro, e em seguida voltou para retirar a fina folha de plástico externa – o único elemento que podia ter retido um fragmento do seu ADN. Bastava apenas um fio de cabelo ou uma mancha de suor. Havia um plástico mais grosso por baixo e ela estava bem enrolada até aos ombros.

O cadeado fechou-se de novo com um estalido. Ele podia sentir o suor a escorrer-lhe pelas costas e pelos antebraços, acabando por se acumular nas luvas. O suor era uma contrariedade, mas podia ser gerido. Voltou para a carrinha e sentou-se na borda metálica da bagageira para recuperar o fôlego. Passados alguns minutos, procurou no interior e encontrou um incinerador cilíndrico que mais parecia uma lata de lixo, do género que se pode comprar em qualquer centro de jardinagem ou loja de *bricolage*. Ainda não tinha sido usado. O metal estava novo e refletia o sol da manhã. Ele tinha-o comprado dois meses antes, tempo suficiente para que o CCTV¹ da loja tivesse eliminado as gravações. Dirigiu-se para o lado do celeiro onde o telhado ainda estava intacto. No entanto, parecia frágil: abaulava nitidamente a meio e alguns dos painéis pareciam ser sustentados apenas pelas teias de aranha que se estendiam entre eles. Poisou a lata e transferiu a sua atenção para o fato de papel. Era de um branco totalmente imaculado: teve de franzir os olhos para conseguir olhar para ele sob a luz do sol que começava a tornar-se mais intensa. Puxou o fecho de correr para baixo e despiu o fato, com o cuidado de o ir enrolando. Calçou-o na lata, onde também meteu os sapatos. Por último, descalçou as luvas, tendo a preocupação de as retirar pelos dedos e não pelos canhões. Largou-as na lata. Na traseira da carrinha, tinha colado com fita adesiva uma folha de papel para apanhar qualquer coisa que pudesse ter caído do plástico. Teria de ir lá buscá-la. Enrolou a folha exterior de plástico e colocou-a na lata.

¹ Closed-Circuit Television – Circuito Fechado de Televisão. [N. do E.]

Deixou-se ficar muito quieto. O som inconfundível de um motor fazia-se ouvir no celeiro e estava a aproximar-se. A maravilhosa quietude da manhã tinha sido quebrada. Ele já não estava sozinho.

2

Ron Beasle chegou-se à frente para espreitar por cima do volante gasto. Um ambientador agitava-se no seu campo de visão periférica. Viu uma carrinha parada perto do celeiro. Era nova, um modelo com uma cobertura rígida sobre a caixa traseira. Estava virada mesmo para ele, as rodas na diagonal e um homem, que Ron calculou ser o condutor, encontrava-se debruçado, atento a qualquer coisa no capô.

– Então, o que temos aqui, *Tucker*? – perguntou Ron. No banco de couro estalado ao seu lado, o *cocker spaniel* cor de areia espreitou ansiosamente, recolhendo a língua apenas por um instante ao ouvir o seu nome.

Ron parou. Desligou o motor e a porta rangeu quando ele se apeou, com cuidado para que *Tucker* não saísse. O cão saltou imediatamente para o lugar do condutor com uma bola de borracha na boca. A janela embaciou-se no sítio onde o focinho se espalmou contra ela. Ron parou um momento ao lado do seu *Land Rover* verde-garrafa. Era um *Série 2* – um clássico e o orgulho do seu dono. Era frequente a mulher dele comentar que mais ninguém tinha sequer permissão para entrar, mas que o cão parecia ser rei e senhor. Ron não tinha como argumentar. No entanto, era para isso mesmo que serviam os *Land Rovers*: campos enlameados e cães enlameados.

O homem continuava curvado sobre o capô. Deu meia-volta e endireitou-se enquanto Ron arregaçava as mangas sobre os seus braços esqueléticos e verificava se tinha a camisa bem entalada no cóis das calças de ganga.

– Olá! – disse Ron em voz alta. Caminhou em direção ao homem, que estava a olhar para ele com um sorriso. – O que é que o traz por estes lados? Sabe que isto é propriedade privada, não sabe?

O homem manteve o sorriso.

– É precisamente por isso que estou aqui! Trabalho para uma construtora. Eles estão a preparar-se para ficar com este terreno. Verificaram-se algumas discrepâncias a respeito das extremas. Pediram-me que viesse cá resolver o assunto. Tenho de ser franco, não me admira que ninguém tenha a certeza. As extremas não são claras.

– Pois não, lá isso é verdade. Mas, aqui, você já está mesmo dentro do terreno. Disseram-me que ninguém devia estar aqui. Vim cá para avaliar o lugar e pôr-lhe uns portões. Está com sorte porque ainda não os instalámos e trancámos, caso contrário, não havia de conseguir sair. – Riu-se nervosamente. Aquilo era conversa. Eles tinham falado sobre portões, mas ainda não havia planos definidos a esse respeito.

– Tenho a certeza de que encontraria alguma maneira. – O sorriso do homem diminuiu um pouco.

– Não sem fazer alguns estragos, isso garanto-lhe. O que me diz de eu tomar nota do seu nome e número de telemóvel? Assim, posso informá-lo quando o portão estiver instalado e qualquer pessoa que queira entrar em contacto pode fazê-lo. Para quem é que disse que trabalhava?

– Não me parece que tenha dito! Mas é para a McCall's. Pelo que me disseram, são os favoritos para ficar com este lugar.

– E você trabalha na parte da aquisição de terras, é isso?

– Parece-me uma descrição muito boa, sim.

– E o seu nome é?

– Steve. Se precisar de um número, pode usar o número geral da McCall's. Não atendo telefonemas em nome deles.

– Depende. Vai ficar aqui muito mais tempo?

– Não me lembro do *seu* nome... – disse o homem.

– Ron. – Esfregou a sua barba branca, ainda a tentar tirar as medidas ao homem. Havia qualquer coisa de errado nele. Garantidamente, não parecia confortável com aquela conversa.

– Bem, obrigado, Ron. E, não, acho que não vou ficar por aqui muito mais tempo. Só parei para dar mais uma olhadela ao mapa.

As extremas aqui marcadas não estão certas, isso é garantido. Acho que eles exageraram. Tenho de acertar as extremas, o melhor que puder, e depois ponho-me a andar. Uns trinta minutos, penso eu. Não vamos ter problemas, pois não?

– Trinta minutos?

– Trinta minutos. Mesmo que fosse o Super-homem, você não conseguia ter um portão medido, feito, entregue e instalado em tão pouco tempo, certo? – Ele sorriu de novo, mas Ron não ficou convencido, aquilo não lhe parecia natural.

– Bem, sim. Mas há de ficar pronto até ao fim do dia. É melhor dizer ao seu pessoal da McCall's que pode muito bem estar a negociar o terreno, mas não são os únicos. Isto continua a ser propriedade privada. Você não pode andar por aqui assim, sem mais nem menos.

– Vou passar a mensagem, Ron. Mas, seja como for, se eu conseguir despachar o meu trabalho hoje, não vou ter de voltar. Imagino que eles devem querer saber exatamente o que estão a comprar. Faz sentido, não faz?

Ron encolheu os ombros. Deu meia-volta e dirigiu-se para o *Land Rover*. Não obstante, ainda tinha uma pergunta:

– Que horas são? Seis horas da manhã? Você começou cedo, não?

– E mal passava das cinco quando saí de casa. Ainda tenho outros dois lugares aonde ir depois deste. Tecnicamente, sou um profissional liberal, pelo que trabalho por minha conta. Quanto mais cedo começo, mais cedo me despacho. Nunca fui de me deixar ficar na ronha.

Ron pensou naquilo. Fazia sentido; ele também era madrugador e já tinha trabalhado segundo os mesmos princípios.

– Bem, a sua sorte é que eu não vim com a polícia. Pensei que era melhor vir falar consigo primeiro. Da próxima vez que o vir aqui, vou ter de os chamar.

– Entendido. Como lhe disse, não vou ter de voltar cá. Estou apenas a fazer o que me foi pedido.

– Já somos dois, Steve.

– Pelo menos, já sei que chegar cedo não adianta. Achei que não fosse incomodar ninguém a esta hora do dia.

– Pois, eu também não sou de ficar na cama. Estou à frente de um clube de tiro... tiro aos pratos, já ali mais à frente. Tenho de ter

tudo em ordem esta manhã. O velho que era dono desta terra era um bom amigo meu, um belíssimo atirador também. Morreu há pouco tempo. Só quero ter a certeza de que a família que ele deixou não vai ter problemas. Isso quer dizer nada de ciganos no local, nada de lixo para limpar e ninguém a meter o nariz antes de eles tratarem do que é preciso tratar para resolver as escrituras.

– Estamos mais do que entendidos, Ron. Eles não me contam a história das terras nem o que querem fazer com elas. Sou só o tipo que lhes vai dizer como é que as coisas estão.

– Bem, ele era um bom amigo. Um homem trabalhador, toda a sua vida. Tudo o que ele queria era que a sua propriedade continuasse na família. Isso é tudo o que qualquer homem deseja para os seus. Eu disse-lhe que havia de garantir que isso aconteceria e é isso que vou fazer.

– Entendido. Obviamente, a McCall's não sabe que você está de olho nisto.

– Ora, ninguém sabe, rapaz. É apenas uma promessa que eu e a minha mulher fizemos a um homem no seu leito de morte. Prefiro que assim continue.

Steve ergueu as mãos.

– Bem, isso eu consigo compreender. Parece-me que ele era um homem de sorte, ter um amigo assim. – Começou a dobrar a grande folha de papel.

Ron estava com um pé no degrau do *Land Rover*, mas deixou que os seus olhos passassem para lá da carrinha do homem e se fixassem no celeiro. Havia qualquer coisa ali que tinha sido mexida. Alguma coisa estava diferente.

– Esteve no celeiro? – O pé dele estava de volta ao chão. Um movimento chamou-lhe a atenção: *Tucker* estava outra vez à janela. Ignorou o cão e encaminhou-se para o celeiro.

– Estive no quê? – Junto à carrinha, Steve abriu a porta do lado do passageiro e poisou a folha de papel dobrada no banco. Parecia desinteressado.

Ron insistiu:

– No celeiro? Havia uma palete amarrada naquele lado. Já tentaram arrombar o contentor. Não sei porquê, não há nada lá dentro, mas custa dinheiro se o danificarem quando tentarem entrar.

– O contentor? Não. Não tenho nada que ver com o contentor. Com o custo de o tirar daqui, talvez.

Ron entrou no celeiro.

– Mas que raio? De onde é que isto veio?

Podia ver uma lata de lixo com aspeto novo que tinha sido empurrada para que não ficasse visível. Havia marcas de arrastamento na poeira do chão. Pareciam recentes. Puxou a tampa e espreitou lá para dentro. Viu um fato-macaco branco. Já tinha usado um daqueles muitas vezes, quando estava a trabalhar com pesticidas ou em algumas pinturas. Puxou-o para fora. Era um tamanho grande e parecia novo em folha. Havia um plástico e um saco preto por baixo que tinha sido fechado com um nó.

– Tem havido alguns trabalhos por aqui? Parece uma coisa que um desses homens das obras pudesse usar – disse Steve. Tinha mudado de lugar e estava agora atrás da carrinha. Mais perto de Ron. A sua postura casual já não era assim tão casual. Encostou-se às traseiras da carrinha com as mãos atrás das costas. – Isto aqui deve estar cheio de amianto. Talvez alguém já esteja a pensar em retirá-lo – ergueu os olhos para o telhado.

– Que eu saiba, não – disse Ron. Foi até à parte de trás do contentor e parou junto à porta. Sacudiu um grande cadeado. Recuou para conseguir ver Steve perto da carrinha.

Só que Steve estava ainda mais perto – no celeiro, agora apenas a um passo dele, com as mãos nos bolsos.

– O que se passa? – perguntou ele.

– Está a ver isto? Não estava aqui da última vez. – Ron agarrou no cadeado e curvou-se para o examinar. – Deixei aqui um dos meus. Você andou aqui a mexer? Foi você que pôs isto aqui?

– Ron, por favor! Já lhe disse o que estou aqui a fazer. Não tenho interesse nenhum em contentores. Apenas no terreno e em construções existentes. Parece-me que quanto mais cedo instalar esses portões, melhor!

Steve podia dizer o que bem entendesse, mas havia mesmo qualquer coisa nele que não batia certo. Só que Ron não conseguia perceber o que era. Ao princípio, tinha pensado que o homem estava nervoso, mas agora já não tinha assim tanta certeza.

– Pois. Bem, tenho um corta-cavilhas no carro. Não é a primeira vez que acontece uma coisa destas por aqui. Pensei que fossem os ciganos. Eles metem-se na gatonagem e depois escondem a mercadoria nas terras de outra pessoa até que as coisas acalmem. Uma vez, apareceu aqui uma moto-quatro que alguém tinha roubado. – Ron foi até à traseira do *Land Rover* e abriu as portas com brusquidão. Disse a *Tucker* para ficar onde estava. O cão saltou para o banco de trás, perto o suficiente para sentir o cheiro da sua liberdade.

Ron sacou do seu corta-cavilhas, um dos grandes, feito para cortar material pesado. Aquele peso exigiu-lhe algum esforço enquanto passava pelo homem que continuava casualmente encostado à sua carrinha, com as mãos nos bolsos. Já dentro do celeiro, Ron bateu com o pé numa pedra solta e tropeçou. Sentiu uma gota de suor na testa quando levou o corta-cavilhas ao cadeado. Estava a respirar pesadamente. Teve de recuar. Os dois cabos eram compridos e as mandíbulas de corte pesadas e difíceis de manejar. Eram demasiado grandes: não cabiam no espaço da argola metálica do cadeado. Não iam dar conta do recado.

– Raios! Não tenho nada mais pequeno – disse Ron.

– Quer que eu veja na minha carrinha? Posso ver se tenho alguma coisa que sirva.

Ron virou-se na direção da voz de Steve e deu com ele praticamente debruçado sobre si. Deu um passo atrás e considerou as suas opções. Fez que consultava o relógio e abanou a cabeça.

– Não é caso para tanto. Passo por cá esta tarde. Tenho de orientar uma sessão de tiro; não sobrou nem uma vaga e há de me ocupar a manhã inteira. – Steve continuava perto. Além disso, não tirava os olhos de Ron, olhos que agora pareciam mais intensos.

– Deixe-me ir ver. Só para o caso de... – Steve deixou-se ficar apenas um segundo e foi até à sua carrinha. Ron não se mexeu. Steve levantou a porta traseira e o sistema hidráulico silvou. Debruçou-se e seguiram-se sons de coisas a raspar enquanto ele procurava e depois o que parecia ser o barulho de uma caixa de ferramentas. Ron aproveitou a oportunidade para limpar a testa. Steve voltou-se para ele. – Não posso dizer que tenha rebentado muitos cadeados. Tenho uma caixa de ferramentas cheia de tralha, a maior parte da qual nunca usei. Pode dar-lhe uma vista de olhos... – Afastou-se da carrinha

e apontou com a mão para o interior. — Veja se há aí alguma coisa que dê conta do recado, se quiser. — Ron aproximou-se um pouco para olhar lá para dentro. Uma caixa de ferramentas metálica tinha sido arrastada para a porta traseira. Mais atrás, um plástico cobria a maior parte do que estava no interior.

Ron esfregou o queixo sem pressa, como se estivesse a avaliar a situação.

— Sabe que mais? Isto agora não interessa. Volto daqui a umas horas e logo vejo o que se passa.

Aumentou um pouco mais o espaço entre ele e Steve ao voltar para o *Land Rover*. A seu ver, podia voltar mais tarde, quando estivesse sozinho e pudesse cortar o cadeado e chamar alguém se fosse preciso. Ou talvez aquele Steve tivesse alguma coisa que ver com qualquer que fosse o material roubado que estava ali dentro, pelo que havia de aproveitar a oportunidade para o levar enquanto Ron estivesse fora. Fosse como fosse, Ron não tinha de se envolver em nada por enquanto. A história do homem era plausível. Agora que estava mais perto, ele até podia ver que a carrinha tinha *McCALL'S* escrito na porta da frente. Mas continuava a haver qualquer coisa em Steve que o incomodava.

— Imagino que já se terá ido embora quando eu voltar, rapaz?

— Não se preocupe. Já terei desaparecido há muito tempo. Ainda tenho uma reunião hoje.

— Bem, *okay*. Esta é a sua última oportunidade, lembre-se disso. Não tarda, temos os portões instalados. Veja se faz tudo o que tem de fazer. — Ron olhou uma última vez para o contentor.

— Vou certificar-me disso, Ron — disse Steve.

— Eu resolvo isto mais tarde. — Ron fechou a porta e ligou o motor. A caixa de velocidades protestou quando ele arrancou. No espelho retrovisor, viu o homem chamado Steve tornar-se cada vez mais pequeno. Continuava parado, encostado à carrinha, com as mãos firmemente enfiadas nos bolsos. Os olhos de Ron desviaram-se do espelho quando *Tucker* lhe enfiou o focinho molhado sob a mão. Ron deu uma palmadinha no seu velho companheiro. — Bem, *Tucker*. Não gostámos dele, pois não?

* * *